

# AQUISIÇÃO DA CATEGORIA DOS DETERMINANTES EM PORTUGUÊS POR SURDOS

Submetido em: 27/5/2023

Aceito em: 25/10/2023

Publicado em: 8/3/2024

Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira<sup>1</sup>

Lucília Santos da França Lopes<sup>2</sup>

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2024.121.14545>

## RESUMO

Este estudo trata da aquisição, por surdos adultos, da categoria funcional de determinantes (DP- *Determiner Phrase*) em português brasileiro escrito (PB). A partir de coleta de dados naturalísticos, produzidos por seis sujeitos-informantes surdos adultos, fluentes em Libras, explanamos sobre aspectos internos e fatores externos que caracterizam a aquisição de determinantes definidos na escrita de surdos adultos com nível superior. Com base no quadro teórico gerativista, investigamos os traços formais que caracterizam parametricamente a categoria dos determinantes (D) nas línguas nativa (Libras) e alvo (português escrito), comparando os traços de D nessas línguas com o que foi encontrado nos dados de interlíngua produzidos pelos sujeitos-informantes. Quanto aos fatores externos, procuramos identificar algum tipo de interferência na aquisição do português escrito por nossos informantes, em relação: à idade de aquisição da Libras e/ou do PB; à

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista/BA, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-1524-8386>

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus/BA, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-9234-3323>

inserção em família surda ou ouvinte, ser falante ou não falante de Libras; e ao grau de escolaridade. Como resultado, verificamos que a categoria dos determinantes em PB se apresenta em estágios variados de interlíngua nos dados dos sujeitos-informantes e que a aquisição dessa categoria se dá traço a traço, a partir de seus traços formantes, entre os quais estão definitude, gênero, número, dêixis e anáfora.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; Categoria Determinante; Interlíngua; Português Brasileiro; Surdos.

## **ACQUISITION OF THE CATEGORY OF DETERMINANTS IN PORTUGUESE BY DEAF PEOPLE**

### **ABSTRACT**

This study addresses an investigation of the acquisition, by deaf adults, of the Determiner Category (DP- Determiner Phrase) in written Brazilian Portuguese (BP). From the collection of naturalistic data, produced by six deaf adult subjects-informants, fluent in Libras, we explain about internal aspects and external factors that characterize the acquisition of defined determinants in the writing of deaf adults with university education. Based on the generative theoretical framework, we investigated the formal features that parametrically characterize the category of determinants (D) in the native (Libras) and target (written Portuguese) languages, comparing the D features in these languages with what was found in the interlanguage data produced by the subject-informants. As for external factors, we tried to identify some type of interference in the acquisition of written Portuguese by our informants, in relation to the age of acquisition of Libras and/or BP; insertion in a deaf or hearing family, being a Libras speaker or not; and the level of education. As a result, we verified that the category of determinants in BP is presented in different stages of interlanguage in the data of the subjects-informants and that the acquisition of this category occurs feature by feature, based on its formative features, among which are definition, gender, number, deixis and anaphora.

Keywords: Language Acquisition; Determinant Category; Interlingua; Brazilian Portuguese; Deaf.

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a aquisição da língua oral como segunda língua (L2) por surdos passa necessariamente pela observação do fenômeno de *interlíngua* num contexto de bilinguismo bastante específico, em que o adquirente precisa passar, comumente, da modalidade falada da língua de sinais à modalidade escrita da língua oral, uma vez que a surdez impede a aquisição da modalidade falada oral, de forma natural.

Pesquisadores da área de Aquisição da Linguagem têm apontado, no processo de aquisição de L2, a existência desse fenômeno conhecido como *interlíngua*, conforme teoria desenvolvida por Selinker (1972), que indica ocorrências de uma espécie de estágios de aquisição, em que se encontram aspectos da língua nativa (L1), da L2 ou de nenhuma dessas duas gramáticas nas produções de L2 de diferentes sujeitos. Assumindo a existência desses estágios de interlíngua na aquisição de L2, o presente estudo buscou investigar o processo de aquisição da modalidade escrita do português por surdos brasileiros, observando especificamente a aquisição da categoria dos determinantes (DP), conforme a proposição gerativista para definição e caracterização dessa categoria.

Partindo do pressuposto minimalista lexicalista, compreendemos que o léxico se constitui como um conjunto de itens lexicais em que “cada um deles [é] um sistema articulado de traços. [...] O léxico especifica, para cada um desses elementos, as suas propriedades fonética, semânticas e sintáticas idiossincráticas, mas nada mais.” (CHOMSKY, 1995, p. 198) Nessa perspectiva, “tem-se sugerido que os Parâmetros da UG<sup>3</sup> estão relacionados não com o sistema computacional, mas sim com o léxico.” (*ibidem*, p. 199)

Seguindo essa linha de raciocínio, procuramos examinar o processo de aquisição da categoria DP do PB escrito, por surdos, tomando como foco traços formais constitutivos dessa categoria, quais sejam: definitude, número, gênero e dêixis/anáfora. Além desses elementos procuramos observar também a possível interferência de fatores externos nesse processo, tais como: idade de início de aquisição Libras e do PB escrito, nível de escolaridade, qual a primeira língua com que teve contato – Libras ou PB em oralização; se pertence a uma família ouvinte ou surda.

---

<sup>3</sup> *Universal Grammar* (Gramática Universal), considerada, na visão gerativista, como a teoria sobre o funcionamento da faculdade da linguagem.

Utilizamos, neste estudo, uma metodologia de investigação de dados naturalísticos cujos *corpora* se constituem de dois tipos de dados: (I) produções escritas de surdos adultos que estavam cursando ou já haviam cursado o ensino superior; (II) produções escritas de surdos que não cursaram o ensino superior. O quadro de sujeitos-informantes foi composto por seis alunos surdos, quatro destes que cursaram o mesmo curso do ensino superior em instituições públicas diferenciadas, e dois surdos que cursaram o ensino médio em escola da rede pública de ensino de Vitória da Conquista, Bahia. Durante a coleta de dados esses sujeitos-informantes foram levados a produzir uma atividade de escrita sobre tema recorrente em ambiente escolar e/ou acadêmico.

## 2 A referenciação em línguas naturais: categoria dos determinantes

A proposta, desenvolvida por Chomsky (1969), de que o sintagma nominal (NP-*Nominal Phrase*) agregava as expressões constituídas por uma estrutura lexical nominal e por uma estrutura funcional (formada por elementos como determinantes e quantificadores) foi assumida até meados da década de 80, quando surge uma nova proposta de representação para os sintagmas nominais, sejam esses complexos (*os homens, aquelas bolsas*) ou nus (*homens, bolsas*). Nesta proposta, que ficou conhecida como a hipótese DP (ABNEY, 1987), a projeção máxima de uma sentença não é um NP e sim um DP (sintagma determinante), que tem como núcleo uma categoria funcional D e os NPs são na realidade complementos de determinantes.

Em estudo sobre o sintagma determinante (DP) em português, Brito (2003) explica que, nessa língua, a categoria D, que tem a função de restringir a extensão do núcleo nominal, criando um valor referencial de individualização das expressões nominais, dividem-se em: *não dêiticos* (artigos) e *dêiticos* (possessivos e demonstrativos); nessa língua, artigos precedem sempre nomes e dividem-se em definidos e indefinidos; e demonstrativos não podem co-ocorrer com artigos definidos.

Ainda, conforme Brito (2003), os *pronomes* formam por si só DPs, por serem expressões referencialmente autônomas. Nessa perspectiva, assim como os pronomes pessoais podem ser compreendidos como proformas, prossintagmas, correspondendo a

DPs inteiros, a mesma análise pode ser feita para demonstrativos que se apresentam como formas neutras *isto, isso, aquilo*.<sup>4</sup>

Com o Programa Minimalista (PM) de Chomsky (1995), os estudos da categoria dos determinantes, assim como todas as demais categorias gramaticais, assumem a perspectiva da investigação de seus traços formantes. De acordo com o PM, traços podem ser compreendidos como propriedades atômicas da gramática, as quais são usadas para determinar uma categoria do mundo real. Retomando os estudos anteriores de Chomsky (1997), é sabido que o sistema computacional é inflexível, no entanto é possível que haja variações linguísticas entre línguas diferentes e até mesmo no interior do sistema, e isso ocorre nas “propriedades dos itens lexicais, compostos por traços formais que são interpretáveis no sistema” (PRADO, 2014, p. 81). Além dos traços formais, um item lexical se compõe também dos traços semânticos e fonológicos.

No PM, propõe-se então um tipo de derivação de sentenças baseada na checagem dos traços formais dos itens lexicais, os quais têm que ser legíveis durante a computação, caso contrário são eliminados nas operações do sistema computacional, que envolvem categorias lexicais e funcionais. Para Chomsky (1995), a concordância (*Agree*) opera se ocorrer um pareamento (combinação, *matching*) de traços entre uma sonda (*probe*), que possui traços não interpretáveis, e um alvo (*goal*), que possui traços interpretáveis. *Agree* verifica e apaga os traços não interpretáveis em LF (em Inglês *Logical Form*). Assim, pode ocorrer, por exemplo, sentença com pareamento do traço de gênero entre o nome e seu determinante.

Com base no modelo minimalista da gramática gerativa, a noção de traço vem sendo desenvolvida em vários estudos posteriores (HARLEY; RITTER, 2002; BÉJAR, 2003, CARVALHO, 2008), cujos autores apresentam traços numa disposição geométrica. Carvalho (2008) propõe uma geometria de traços do núcleo D, especificamente para os pronomes no PB. O autor argumenta que os traços  $\phi$  (*Phi*), de pessoa, número e gênero, na verdade são “elementos categoriais que comportam traços mais elementares, os quais definem tanto o conteúdo quanto a forma do pronome”. E, partindo de análises e propostas para estes traços, Carvalho (2008) destaca o estudo de Harley e Ritter (2002), que dividiram os traços  $\phi$ , em três grandes categorias, a saber: *Participant, Individuation*

---

<sup>4</sup> No caso das formas demonstrativas não neutras, essas são compreendidas como núcleo determinante, mesmo que não sejam acompanhadas de nominal, compreendido nesse caso como um nominal nulo.

e *Class*, incluindo *Participant* os traços *Speaker* e *Addressee*, e estes traços são usados para representar o traço pessoa; já o traço *Individuation*, passa a incluir *Group*, *Minimal* e *Argumented*, os quais representam a categoria número, e o traço *Class* e demais sub-grupos codificam *gênero*. O autor também busca, no estudo de Béjar (2003), uma análise “através de uma perspectiva para traços formais de  $[\phi]$ , que pode codificar propriedades nominais que normalmente entram no processo de concordância: pessoa, número e gênero”.

### 3 Determinantes na Libras e Traços Identificados

Ferreira-Brito (1995) apresenta um estudo sobre a referenciação em Libras, esclarecendo que de maneira semelhante àquela das línguas orais, haverá elementos, na fala em Libras, que indicará a referenciação com a presença de determinantes, diferenciando, de acordo com K.S. Dornnellan (*apud* Ferreira-Brito 1995, p.115), a referência propriamente dita da descrição definida.<sup>5</sup> Na Libras, há também a presença da dêixis, que é referencial, podendo referir ou co-referir, compreendendo a co-referência como o fenômeno conhecido como anáfora ou catáfora.

Prado e autora (2012) e Prado (2014) trazem essas diferentes maneiras de referenciação em Libras para um estudo, de caráter gerativista, procurando verificar como se constitui a categoria D em Libras. Essas autoras identificam como elementos da categoria dos determinantes, núcleos D, certos sinais de apontação para pontos no espaço físico fixados pelo falante (sinalizante) como referências a pessoas ou objetos dos quais se está falando, os denominados *Localizadores (Locs)*. Esses são uma espécie de recurso pelo qual o falante localiza, “de forma eminentemente dêitica, os referentes no espaço físico, através dos Locs” (PRADO, 2014, p.24). Esses Locs foram identificados pelas autoras, como pertencentes a dois grupos: articulados e não-articulados, sendo que o Loc articulado é apresentado a partir da hipótese da unidade MLMov (Mão/Locação/Movimento) de autora (2012; 2019; 2023 no prelo).

---

<sup>5</sup> Para apresentar esta diferença a autora esclarece que, na Libras, haverá um item lexical que relaciona o nome ao seu referente, já a *expressão definida* pode denotar ou referenciar, e em ambos os casos vai haver uma descrição, ou seja, as descrições definidas têm sentido e não são meramente referenciais, a exemplo dos nomes próprios (em língua de sinais), que, além de referenciar, também descrevem, bem como os sinais pessoais, que são criados como uma espécie de descrição de uma característica da pessoa, significando “aquele que tem barba” “aquele que tem uma pinta no rosto” etc.

A partir de resultados de seus estudos, Prado (2014) assume que o Loc é um núcleo D em Libras e é gramatical em posição anteposta ou posposta ao nome próprio e ao nome comum nessa língua. A autora observa, em seus dados, também casos de *barenouns* (nominais nus), nominais que ocupam uma posição argumental com interpretação genérica ou referencial em certos casos. Já em contexto existencial, a autora verifica que, da mesma forma que ocorre nas línguas orais, a ausência do determinante em Libras é gramatical. No que tange à saturação de predicadores por Locs proformas<sup>6</sup>, verifica a autora que esta ocorre quando as posições argumentais são ocupadas pela “apontação” de referentes no espaço físico. Prado (2014) verifica, por meio de teste de aceitabilidade, que a co-ocorrência desses determinantes Loc, em Libras, com possessivos e com quantificadores é possível. E, em sentenças relativas, a autora observa que o Loc pode ocorrer anteposto ao nome em posição de antecedente relativo, mas não pode ocorrer posposto a esse nome antecedente.

#### **4 Fores internos da aquisição da categoria dos determinantes em interlíngua português-Libras**

Para a investigação dos estágios de aquisição da categoria determinante em PB como L2, por nossos informantes surdos<sup>7</sup>, compusemos *corpora* a partir de dois tipos de amostras: textos escritos em interlíngua português-Libras e produção de Libras gravada em vídeo, com o mesmo tema, no intuito de comparar o texto em português/interlíngua com o texto em Libras, no tocante à presença ou ausência de determinantes, conforme o objetivo deste estudo.

Devido à natureza de interlíngua das amostras escritas (em português), fez-se necessária a realização de segmentação das sentenças, uma vez que, comumente, em interlíngua português-Libras não há uma pontuação ou mesmo uma estrutura frasal que indique claramente o início e final das sentenças. A partir dessa segmentação, é que pudemos observar a estrutura argumental e categorias gramaticais, sendo possível, então, identificarmos os DPs e, conseqüentemente, os determinantes, artigos e demonstrativos,

---

<sup>6</sup> ‘Saturação de predicadores’ é um processo sintático que implica a satisfação da necessidade de predicadores em atribuir seus papéis temáticos a argumentos. No caso em questão os Locs proformas são espécies de pronomes da Libras que preenchem posições de argumentos.

<sup>7</sup> Seis surdos adultos, fluente em libras, quatro graduados em Letras-Libras e dois cursando o último ano do Ensino Médio

não apenas presentes, mas também ausentes. Para análise dos fatores internos do processo de aquisição da categoria D, na escrita do PB, por nossos informantes surdos, partimos do pressuposto de que esses sujeitos-informantes se encontram num estágio de interlíngua localizado em algum ponto do caminho que vai da língua nativa – a Libras – para a língua alvo – o PB. Com base nos estudos anteriormente apresentados, podemos dizer que nossos aprendizes surdos de PB escrito têm, em seus percursos, os pontos inicial e final conforme os quadros a seguir, a partir dos quais podemos comparar características da língua de partida (Libras) e da língua alvo em aquisição (português).

**Quadro 1** - Determinantes em Libras  
(língua de partida)

Características:
<ul style="list-style-type: none"> <li>● ocorre depois do nominal no caso do D menos especificado;</li> <li>● ocorre antes do nominal no caso do D mais especificado;</li> <li>● ocorrem com nominais nus;</li> <li>● não apresentam traço de gênero;</li> <li>● não apresentam traço de número;</li> <li>● não apresentam traço de pessoa;</li> <li>● apresentam sempre o traço dêitico;</li> <li>● não apresentam o traço anafórico.</li> </ul>

Fonte: Dados da pesquisa de Prado (2014)

**Quadro 2** - Determinantes em PB (língua alvo)

Características:
<ul style="list-style-type: none"> <li>● ocorre apenas antes do nominal no caso do D menos especificado (o artigo);</li> <li>● ocorre geralmente antes do nominal no caso do D mais especificado (os demonstrativos);</li> <li>● ocorrem com nominais nus;</li> <li>● apresentam traço de gênero;</li> <li>● apresentam traço de número;</li> <li>● não apresentam traço de pessoa;</li> <li>● apresentam o traço dêitico somente no caso dos demonstrativos;</li> <li>● apresentam o traço anafórico.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de dados da pesquisa de Carvalho (2008)

Confrontando os dois quadros, observamos que o que há de diferente entre as gramáticas das duas línguas, e que, portanto, constituem aspectos paramétricos a serem adquiridos são: a diferença de posição dos determinantes menos especificados – ocorrência depois, ou antes, do nominal; a ausência/presença dos traços de gênero, número e anafórico; ausência/presença restrita do traço de pessoa e do traço dêitico.

No geral, encontramos, em nosso *corpus*, um número maior de ocorrências de artigos definidos portadores dos traços que definem a marcação FS (feminino singular). Entre esses o maior número de ocorrências foi de *nominais nus não-convergentes* com o PB (20%), isto é, determinantes que deveriam estar presentes, mas não estavam. Isto



contra 15% de *artigos definidos convergentes* com o PB no FS, os que deveriam estar presentes e estavam. Esse cenário vai se repetir com todos os outros traços dos grupos de *artigos que deveriam estar presentes*: MS (masculino singular) – 5% de *artigos definidos convergentes* contra 9% de *nominais nus não-convergentes*; FP (feminino plural) – 3% *artigos definidos convergentes* contra 7% *nominais nus não-convergentes*. Apenas no caso do MP (masculino plural) é que encontramos um mesmo percentual (8%) para *artigos definidos convergentes* e *nominais nus não-convergentes*.

No que diz respeito aos *nominais nus*, que ocorrem em contextos sintáticos específicos, os percentuais nos mostram que as *ausências*, isto é, as posições em que há obrigatoriedade de nominal nu em PB foram quase sempre convergentes, havendo apenas ocorrência de 2%, (2 ocorrências), ambas em FS, em que ocorreu *artigo não-convergente*, isto é, o informante realizou um artigo definido onde deveria ocorrer um nominal nu. Isso ocorreu apenas com um dos informantes, SI1. Todavia, essa alta ocorrência de *nominais nus* não diz muito a respeito de fixação do parâmetro relativo a esses traços do determinante em PB, pois os dados revelam uma forte tendência à ocorrência de *nominais nus*, mas na maior parte dos casos em situação de não-convergência com os parâmetros do PB. Assim vemos que ocorreram 87 *nominais nus* no *corpus* de um total de 128 posições de determinantes, isto é 68% do total foram *nominais nus*, mas desses apenas 31, ou seja, um terço mais ou menos das ocorrências desses *nominais nus* estavam convergentes com o PB.

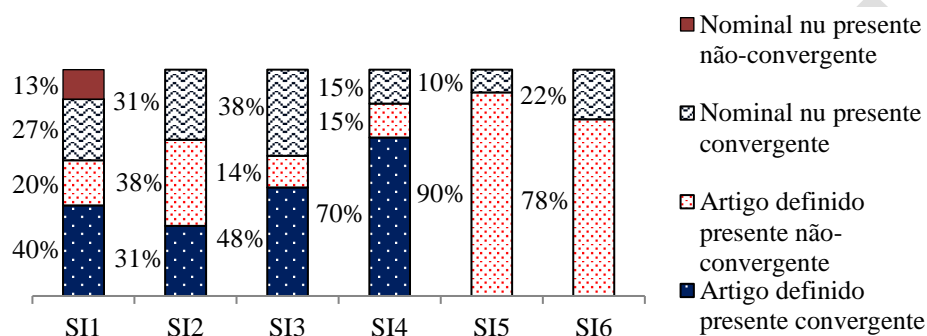
A seguir apresentamos e discutimos as ocorrências de artigos definidos, na interlíngua português-Libras investigada, considerando cada um dos traços e em relação a cada informante.

#### 4.1 Aquisição do Traço de Definitude

Quanto às ocorrências, nas sentenças produzidas pelos informantes, de artigos definidos convergentes com o PB, verificamos um percentual de 30% de ocorrências de artigos definidos e de 24% de *nominais nus*. Por outro lado, o percentual de não-convergência de ocorrências do artigo definido foi ainda maior, 44%. Todavia, observando as ocorrências de artigos definidos nos dados de cada informante no gráfico abaixo, notamos que apenas nos textos dos informantes que cursavam ensino superior ocorreram artigos definidos. A convergência nos dados dos dois informantes do ensino

médio se restringiu aos nominais nus. E isso, por nossa análise, não quer dizer que esse dois informantes tenham feito alguma aquisição desse traço, isto é, percebendo onde o artigo não deve ocorrer – nos contextos de leitura genérica. A completa ausência de artigo definido nos dados desses sujeitos-informantes do ensino médio indica antes uma não aquisição do traço de definitude.

**Gráfico 1 – Traço de Definitude: ocorrência de Artigos Definidos por Informantes**



As ocorrências de artigos definidos, na aquisição do PB demonstradas na escrita em interlândia dos SI1, SI2, SI3, SI4, indicam que esses informantes conseguem realizar a referencialidade em diversos sintagmas nominais, demonstrando noção de unicidade, a qual “consiste no uso do artigo para assinalar apenas uma entidade que contemple a descrição usada pelo falante” (AGUIAR, 2013, p. 27), observada nas sentenças abaixo:<sup>8</sup>

(1) a. Sim, importante a primeira língua é (a) Libras (SI1)

PB: Sim, [é] importante [que] a primeira língua [seja a] Libras[.]

b. todos os dias as mídias no mundo e (a) língua de sinais é natural e (a) mente [é] livre. – (SI2)

PB: Todos os dias [observa-se] [n]as mídias no mundo [que] [a] língua de sinais é [uma] [língua] natural e [a] mente [se] [torna] livre.

<sup>8</sup>Para a transcrição dos dados, utilizamos as seguintes regras: **Artigo sublinhado** □ *artigo definido presente convergente* (o artigo deveria estar presente e estava); **Artigo tachado** (riscado) □ *artigo definido presente não-convergente* (nominal nu - o artigo não deveria estar presente, mas estava); **Parênteses vazios** □ *nominal nu convergente* – (o artigo não deveria estar presente e não estava); **Artigo entre parênteses** □ *nominal nu não-convergente* (o artigo deveria estar presente, mas não estava). Também utilizamos, na apresentação dos dados, *itálico* para indicar itens alterados, numa versão para o PB, e *colchetes* para indicar inserção de itens ou trechos suprimidos, quando aparecem reticências entre os colchetes.

c. Com **a aquisição** de língua por surdo, com base (em) conceito de bilíngue e de (da) cultura ambiental e de familiar. (SI3)

PB: *Com a aquisição de língua por surdo, com base [no] conceito de bilíngu[ismo] e da cultura ambiental e familiar[.]*

d. **A primeira coisa** que vem **na cabeça** é: **os surdos** devem aprender a oralizar sem voz, apenas **os lábios** se movimentam. (SI4)

PB: *A primeira coisa que vem na cabeça é: os surdos devem aprender a oralizar sem voz (som), apenas os lábios se movimenta[ndo].*

Em relação a nominais nus, verificamos a aquisição do traço de definitude no contraste entre a leitura de unicidade e a genérica, como nos exemplos abaixo, em que aparecem nominais nus convergentes com o PB, realizados pelos informantes SI1, SI2, SI3 e SI4, produzindo leitura genérica, com exceção de “em ( ) Libras”, em (18a), em que haveria inclusive a opção de realização do artigo.

(2) a. /para que ~~a~~ metodologia visual e ~~a~~ adaptação de ( ) **material** didáticos **em** ( ) **Libras** também/( SI1)

PB: */para que [se use] ~~a~~ metodologia visual e ~~a~~ adaptação de material didático em Libras também[.]*

b. Se eles sabem ( ) **duas línguas**, é ( ) **bilinguismo** (SI2)

PB: *Se eles sabem duas línguas, é bilinguismo[.]*

c. Com **a** aquisição (de-a) língua (~~por~~ pelo) surdo, com base (~~em~~ no) conceito **de** ( ) **bilíngue** e **de** ( ) **cultura ambiental** e **de** ( ) **familiar**. (SI3)

PB: *Com a aquisição da língua pelo surdo, com base ~~em~~[no] conceito de bilíngu[ismo] e de cultura ambiental e ~~de~~ familiar [.,] /*

(3) [...] pois **os** surdos têm maior ( ) **visão**, prestam ( ) **atenção** através **dos** olhos e sentem, (a) comunicação gestual visual e, é **a** experiência visual. (SI4)

PB: *[...] pois os surdos [é que] têm maior visão, prestam atenção através dos olhos e sentem, a comunicação gestual visual e, [esta] é a experiência visual.*

Já nos dados de SI5 e SI6, a ocorrência de nominais nus é indiscriminada, não podendo a ocorrência desses nominais, ainda que convergentes, indicar nenhum nível de aquisição do traço de definitude, como se verifica nos exemplos a seguir.

- (4)a. Pq (a) família precisa foi (o) curso ( ) libras importante mas por causa (da) comunicação (os) surdos tbm (os)ouvir importante aprender precisa ajudar (SI5)

*PB: Porque [a] família precisa [ir] [ao] curso [de] Libras[.] [É] importante, mas por causa da comunicação [com] [os] surdos[.] Também [é] importante [para] [os] [ouvintes] aprender [Libras][.] [Eles] precisa[m] ajudar.*

- b. Para(a) família difícil mas pq como so precisa (do) curso ( ) libras (SI6).

*PB: Para [a] família [é] difícil [,] mas [ela] só ~~pq como~~ precisa [do] curso [de] Libras[.]*

Lima-Salles e Chan-Vianna (2010, p. 255) sugerem que, sendo a Libras (L1 dos informantes) uma língua que não apresenta artigos definidos marcados fonologicamente, é possível que haja resistência na aquisição de artigos, “independente da interpretação ser genérica ou referencial”. Por outro lado, vimos que Prado e autora (2012) e Prado (2014) defendem que os Locs (sinais de apontação articulados e não articulados) são da categoria de determinantes em Libras, responsáveis por marcar valores de definitude (PRADO 2014, p.89). Assim, o estágio inicial em que se verifica, na interlíngua, a completa ausência de artigos definidos, como é o caso de nossos informantes SI5 e SI6, teria, a nosso ver, outra explicação diferente da ideia de que essa ausência se associa a uma transferência de valores paramétricos da L1. Isto, se assumimos a hipótese dessas últimas autoras, considerando que uma língua natural não pode prescindir de um sistema de referenciação que marque de alguma forma o traço de definitude, o qual em Libras parece ser certos sinais de apontação, os Locs.

Talvez, a ausência de artigos definidos, em estágio inicial, se explique pela distância de certas características entre os parâmetros do português e da Libras. Na análise que Prado (2014, p.111) realizou do sistema de referenciação na Libras, os sinais de apontação indicam: na variação do traço dêixis, baixa especificação quando posposto ao

nome (Locs do tipo 1), se aproximando do artigo das línguas orais; especificação mediana, quando anteposto ao nome (Locs do tipo 2); e são altamente especificados quando ocorrem como proformas, (Locs do tipo 3). A autora destaca que os Locs pospostos aos nomes têm uma aproximação com os artigos das línguas orais, mas não há total compatibilidade, pois, os artigos são desprovidos de dêixis. No português, os determinantes menos especificados são justamente os artigos definidos. Em Libras, esses determinantes menos especificados ocorrem, diferentemente do português, pospostos ao nominal e não apresentam certos traços presentes no determinante menos especificado do português, como os traços da categoria gênero e o anafórico. Por outro lado, esse determinante apresenta em Libras o traço dêitico, não existente no artigo definido em português. O traço de número, que ocorre nos determinantes em Libras, como veremos na próxima subseção, também se diferencia do português.

Assim, estamos analisando que a aquisição da categoria determinante se dá traço a traço. E como entre a língua alvo, PB, e a língua nativa, Libras, verificamos uma distância considerável em termos da composição dos traços da categoria D dessas línguas (vide quadros 1 e 2), encontramos aí a explicação para alguns aspectos ligados ao quadro de aquisição dessa categoria, especificamente artigos definidos, do PB como L2, por surdos, cuja L1 é a Libras. Por nossa análise, o que ocorre é que os surdos provavelmente demoram algum tempo para adquirir os traços que se configuram de maneira diferente da fixada por eles em Libras. Vejamos como se configura em nosso *corpus* esta aquisição quanto aos demais traços.

#### **4.2 Aquisição dos traços da categoria número**

Lima-Salles e Chan-Vianna (2010), em estudo sobre a manifestação de definidos genéricos (no singular e no plural) e de nominais nus (no singular), na interlíngua português-Libras de surdos, assumem a hipótese, com base em trabalho anterior de Tsimpli (2004, citado por essas autoras), de acordo com a qual falantes de uma L1 que não marcam foneticamente artigos definidos “vão encontrar dificuldades em adquirir as propriedades morfofonológicas dessa categoria” (*ibidem*, p.243), sendo assim, na “aquisição desta categoria a previsão é a de que haverá resistência na aquisição de artigos no português L2 por surdos, independentemente da interpretação genérica ou referencial

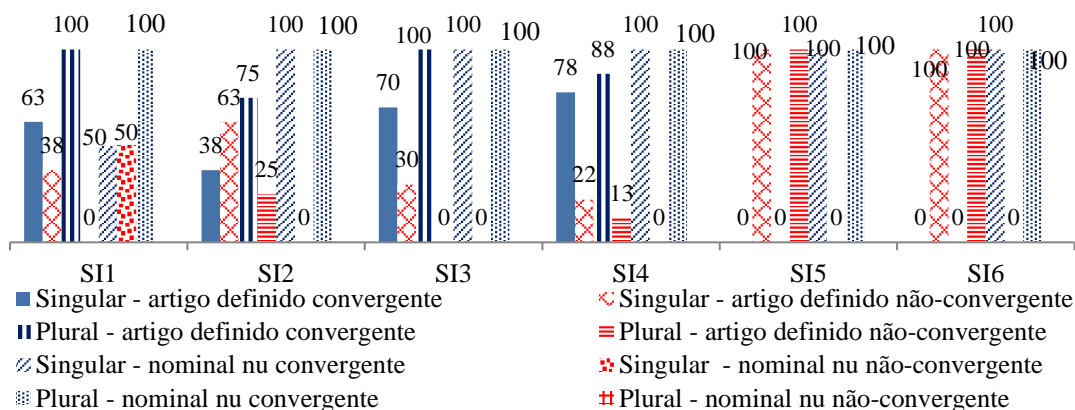
do sintagma introduzida pelo artigo definido” (LIMA-SALLES; CHAN-VIANNA, 2010 p.255).

Nessa perspectiva, Lima-Salles e Pires (2011), em estudo sobre a manifestação de definidos e de nominais nus (no singular e no plural) na interlíngua português-Libras de surdos, e Lima-Salles e Chan-Vianna (2010) defendem que a alta frequência de nominal nu no singular resulta de transferência da L1, já que, segundo as autoras, a Libras não possui artigos (definidos). Também para essas autoras a categoria de número é interpretável no DP definido e no DP definido genérico. Assim propõem Lima-Salles e Pires (2011) que a aquisição do definido na interlíngua ocorre mediante o mapeamento de propriedades morfo(fono)lógicas do artigo definido (plural) na projeção do núcleo funcional de Número.

Contudo, resultados de nossa pesquisa indicam que, no geral, a presença do traço de número não representou aumento muito grande nos índices de ocorrência de artigo definido-plural, seja em convergência com o PB ou não, pois encontramos nos *corpora* praticamente o mesmo percentual de convergência entre *singular* (40%) e *plural* (42%). A mesma coisa se verifica com os *nominais nus*, cujos dados mostram uma diferença não muito grande de percentual de convergência de nominais nus entre *singular* (89%) e *plural* (100%). E mais, verificamos 11% de artigos não convergentes no singular (2 ocorrências de artigo definido-singular antes de nominais que deveriam ocorrer nus) que reforçam a análise de que o traço de número plural não está pesando significativamente para que o surdo adquira o artigo, pois, se assim o fosse, a tendência de ocorrência de artigo, mesmo em situação não convergente, seria maior no plural.

Entretanto, olhando para o gráfico abaixo, no qual apresentamos uma análise detalhada dos resultados, por informante, referentes ao traço de número relacionado aos artigos definidos, verificamos que, de fato, esse traço parece atuar no processo de aquisição dos artigos, se não como o único ou mais importante fator, pelo menos como um dos fatores.

**Gráfico 2** – Traço de Número: ocorrências de Artigos Definidos por Informantes



Percebe-se, entre os seis SIs, grande diferença de desempenho. SI1 e SI3 apresentam total convergência de definidos plural e uma dificuldade mediana com os definidos singular. Quanto aos nominais nus, apenas SI1 apresentou uma pequena dificuldade. Os demais apresentaram 100% de convergências com os nominais nus, embora isso não diga muita coisa no caso de SI5 e SI6, que não realizam nenhum artigo definido. SI4 demonstra baixa dificuldade tanto com definidos singular quanto com definidos plural, apresentando o maior índice de convergência na ocorrência de definidos singular e plural entre os informantes. Já SI2 apresenta definidos singular mais não-convergentes do que convergentes.

Assim, olhando para os dados individuais dos sujeitos informante, no gráfico acima, verificamos que, de fato, o desempenho quanto à convergência dos definidos plural é melhor que a dos definidos singular para SI1, SI2 e SI3. No caso de SI4, a diferença de desempenho entre definidos singular e plural é bem pequena.

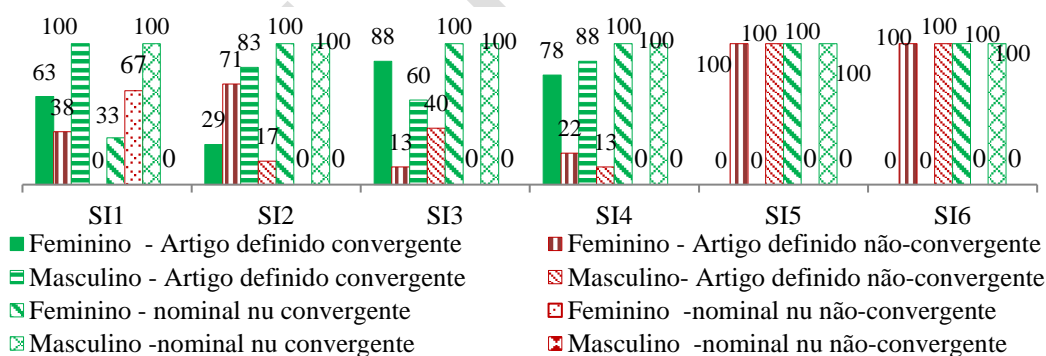
Assumindo a hipótese de Kato (2005) para aquisição de uma L2 e da escrita (de acordo com a qual uma língua-I possui uma periferia marcada e uma gramática nuclear) e a proposta de Prado (2014) para a composição dos traços da categoria dos determinantes em Libras, podemos dizer que, embora o determinante em Libras (h̃ϕ - o sinal de apontação menos especificado, que ocorre posposto ao nominal) não apresente traço de número, esse traço está na gramática nuclear (G1) do falante de Libras, como uma das possibilidades da categoria D (por exemplo, no caso do pronome h̃ϕ (eles/elas), cujos traços-φ incluem, conforme Prado (2014), o traço [Grupo], que define plural, ou os pronomes h̃ϕ ou h̃ϕ (elas/eles dois), h̃ϕ ou h̃ϕ (eles/elas três) e h̃ϕ ou h̃ϕ (eles/elas quatro), que, respectivamente, apresentam os traços [Dual], [Trial] e [Quadrial]

responsáveis pela especificação de um plural de dois, de três ou de quatro elementos. Assim, o traço de número [Grupo] presente na L1 dos informantes, pode ser reanalisado, mediante contato com *input* do português, e marcado para o determinante em aquisição – o artigo definido.

### 4.3 Aquisição dos traços da categoria gênero

Quanto ao traço de gênero, observamos que, assim como o traço de número, não há grande distância entre os percentuais de convergência e não-convergência de artigos definidos presentes. Verificamos, nos dados, coincidentemente ou não, o mesmo que observamos no caso do traço de número, ou seja, os artigos definidos feminino e masculino apresentam os percentuais de convergência de 40% (*feminino*) e 42% (*masculino*). O mesmo se verifica com os *nominais nus*. Os dados mostram uma pequena diferença de percentual de convergência de *nominais nus* entre *feminino* (89%) e masculino (100%). Analisando os dados por informante, conforme gráfico abaixo, verificamos que semelhantemente ao traço de número há várias diferenças entre os informantes.

**Gráfico 3 – Traço de Gênero: ocorrências de Artigos Definidos por Informante**



O único a apresentar total convergência das ocorrências de artigo definido masculino é SI1. Para SI2, SI3 e SI4 há quase total convergência de definidos masculinos. Quanto ao definido feminino, apenas SI2 apresenta um índice de artigos definidos não-convergentes maior que de convergentes, excetuando-se SI5 e SI6, que não realizaram nenhum artigo. Curiosamente todos realizaram *nominais nus* convergentes com o PB em 100% dos casos no gênero masculino e no gênero feminino, apenas SI1 não realizou nominal nu convergente.



No geral, podemos dizer que verificamos dificuldade mediana de marcação de gênero em determinantes nos dados analisados entre os sujeitos-informantes, os quais apresentam certo grau de aquisição do traço de gênero. Observamos que ocorreu apenas uma troca de gênero no artigo, realizada pelo SI2, em uma das sentenças que apresentamos abaixo. Isto pode indicar certa insegurança com o gênero intrínseco no feminino<sup>9</sup> por ser esse, de acordo com Carvalho (2008), um gênero marcado no PB, isto é, uma subcategorização do gênero não marcado, o masculino. As demais dificuldades decorrem da realização de nominal nu em lugar da realização obrigatória do artigo.

- (5) a. é mais fluência (~~de~~-na) Libras porque **o** **cognição** (~~de~~-da) mente e (a) visualidade em ( ) imagens, ( ) localidades, ( ) movimentos (SI2)

PB: *é Tem mais fluência ~~de~~[na] Libras porque [tem] ~~o~~[a] cognição ~~de~~[da] mente e [a] visualidade ~~em~~[de] imagens, localização [e] movimento.*

- (6) a. todos os dias as mídias no mundo e (a) língua de ( ) sinais é natural e (a) mente livre. (SI2)

PB: *todos os dias [observa-se] [n]as mídias no mundo [que] e [a] língua de sinais é [uma] [língua] natural e [a] mente [se] [torna] livre.*

Observando as sentenças acima, notamos que SI2 realiza uma troca de gênero em (5a) a única no artigo observada nos dados,<sup>10</sup> já em (6a), SI2 produz uma maior quantidade de artigos definidos antes do nome sem cometer nenhuma troca de gênero.

Considerando o fato de que o gênero nos determinantes em português está ligado à categoria dos nomes pela concordância, é interessante verificar a complexidade que envolve a marcação de gênero em português no que diz respeito a nomes e também a

<sup>9</sup> Há uma diferenciação entre traços de gênero que são intrínsecos ou traços de gênero que são opcionais. Os traços intrínsecos são aqueles que “aparecem armazenados na entrada lexical, e os opcionais são adicionados no momento da seleção de itens para compor a Numeração” (c.f., AUGUSTO; CORRÊA, 2005, p. 212).

<sup>10</sup> Vale registrar que o SI6, do ensino médio, realizou uma troca no emprego do gênero nos nomes, conforme sentença abaixo:

- (i) a. (O) desenho (das) coisa explicar (os) **terma** boa importante ajudar (os) **surdas** (no) **ensina**. (SI6)  
 b. PB: [O] desenho [das] coisas explica[m] [os] term[os] [isto] [é] [bom] [e] importante ajuda [os] surd[o]s [no] ensin[o].

adjetivos. Conforme Câmara Jr. (1999), no PB, o gênero masculino é não-marcado, ocorrendo a marcação de gênero apenas para a distinção de formas femininas através do morfema *-a* que ocorre no final de nomes e adjetivos das demais formas não-marcadas.<sup>11</sup> Ainda segundo Câmara Jr. (1999), o gênero em português, em nomes e adjetivos, além de exprimir-se via flexão (lobo/loba), exprime-se também via processos de derivação (imperador/imperatriz) ou de heteronímia (homem/mulher). Já para Villava (2003), a não-obrigatoriedade de contrastes de gênero e o fato de sua realização estar a cargo de processos estritamente lexicais, como índices temáticos (aluno/aluna), diferentes palavras (homem/mulher), processo morfológicos como derivação (*barão/baronesa*) e composição (*águia-macho/águia fêmea*), justificam a análise dessa categoria como não flexional em português. Comparativamente, em Libras, esse aspecto é completamente diferente. Observa-se que, na Libras, o gênero subespecificado em *masculino e feminino*, em nomes, está ligado ao traço [animacidade], isto é, opcionalmente esses sinais podem ocorrer associados a nomes com traço animado, quando se está fazendo referência ao sexo feminino ou masculino dos indivíduos animados nomeados. Essa marcação de gênero em Libras ocorre realizando-se os sinais  $\begin{matrix} u \\ \gamma \\ \tau \end{matrix} \begin{matrix} \text{L} \\ \text{O} \\ \text{M} \\ \text{M} \\ \text{E} \\ \text{M} \end{matrix}$  [HOMEM] ou  $\begin{matrix} \beta \\ \alpha \\ \chi \\ \gamma \end{matrix}$  [MULHER], no geral antes do nome.

No que diz respeito à categoria dos determinantes, especificamente com relação ao artigo definido, verificamos que esse não apresenta, em português, um morfema como marca de gênero destacado de sua raiz, como ocorre com número, pois a realização do artigo em si já implica realização do gênero masculino ou feminino, já que não há gênero neutro em artigos do português. Já em Libras, nenhum traço de gênero foi detectado por Prado (2014) para o sinal de apontação nem no caso dos menos especificados (Locs do tipo 1 –) nem dos de especificação mediana (Locs do tipo 2). Apenas os altamente especificados, os pronomes (Locs do tipo 3), podem opcionalmente ocorrer acompanhados dos sinais HOMEM ou MULHER, o que ainda carece de estudos para podermos verificar se se trata ou não de algum tipo de marcação de gênero. Assim, a

---

<sup>11</sup>O argumento de Câmara Jr. (1970) é que se considerarmos *-o* como marca de masculino por opor-se a *-a* (como marca de feminino), nesse mesmo raciocínio teremos que considerar como masculino o *-e* de mestre (que também se opõe a *-a*, como em mestre/mestra). Mas, se é fácil associar *-o* a masculino, o mesmo não se dá com *-e*, que pode estar ligado a um ou outro gênero (comparem-se, por ex., ponte (fem.) e monte (masc.).

aquisição do traço de [Gênero] em determinantes do português para um falante cuja L1 é a Libras implica a aquisição da marcação do gênero gramatical, inexistente na sua L1.

Observando os dados de SI1, SI2, SI3 e SI4 porque os outros dois não realizaram artigo algum, verificamos que, com exceção de SI3, os demais tiveram mais dificuldade com a realização do artigo feminino do que com a realização de artigo masculino, considerando também que a única troca de gênero registrada se deu pela ocorrência de artigo masculino em lugar de feminino como determinante de nome inanimado (cf. exemplo (5) acima). Isso parece indicar que a aquisição do traço de [Gênero] no determinante de uma língua que engloba gênero marcado tanto em nomes animados quanto inanimados, como o português, está implicando uma percepção de que a forma marcada, o feminino, é determinada pela concordância com o gênero do nome, que é igualmente marcado para o feminino em condições específicas. Acrescenta-se a isso o fato de que se distinguem as condições do gênero gramatical e do gênero opcional.

O fato de o gênero não se apresentar como um traço problemático para a aquisição do determinante (artigo definido), apesar da diferença paramétrica entre as línguas nativa e alvo, indica que essas condições específicas, definição do gênero do nome e sua concordância com o artigo, são razoavelmente bem definidas em português e acessíveis via *input*.

Assim, assumimos que as interlínguas em estudo apresentam para a categoria D o traço [CLASS], com subespecificação para o traço [FEMININE], próximo ao que ocorre em PB, conforme o que apresenta Carvalho (2008) na geometria de traços proposta para essa língua. Entretanto, a aquisição desse traço se apresenta em diferentes níveis entre os sujeitos-informantes.

#### **4.4 Aquisição do traço dêitico/anafórico**

Como vimos, conforme os pressupostos gerativistas, os artigos definidos e demonstrativos estão em distribuição complementar em português porque ocupam a mesma posição sintática, a categoria nuclear D, sendo a diferença entre artigos definidos e demonstrativos a presença do traço [Dêixis] apenas nos últimos. A aquisição desse traço na categoria D se verifica, portanto, com a detecção da presença de demonstrativos nos dados. Como o demonstrativo em português também carrega o traço [Anafórico], a presença de demonstrativos no *corpus* pode também indicar a aquisição desse último.

No *corpus*, verificamos a presença de demonstrativos apenas nos dados dos informantes SI3 e SI4 e muito pouco frequentes. Não é possível afirmarmos que os demais informantes não tenham adquirido ainda esse traço, tomando simplesmente a ausência de determinantes em seus dados, uma vez que fizemos uma coleta naturalística de dados e não uma coleta experimental. Como, no caso dos artigos definidos, SI3 e SI4 são os que apresentam os menores índices de não-convergência, no geral (vide gráficos 1, 2 e 3), podemos considerar a presença de demonstrativos apenas nos dados desses informantes, como mais um indicativo, pelo menos, de que esses dois informantes são os que estão num estágio de interlíngua mais avançado entre os seis investigados. Nos exemplos abaixo, podemos observar os demonstrativos encontrados nos dados desses dois informantes.

- (7) Depois podem começar a aprender a oralizar, porém qual a importância **disso**?  
(SI4)

*PB: Depois podem começar a aprender a oralizar. Porém, qual a importância disso?*

- (8) Além **disso**, os surdos aprendem a oralizar [...] (SI4)

*PB: Além disso, os surdos aprendem a oralizar [...]*

- (9) [...] **naquela** época onde estudávamos era obrigada (a) ter escrita oral [...] (SI3)

*PB: [...] naquela época, onde estudávamos era obrigada[o] [a] [aprender] a escrita [da língua] oral [...]*

- (10) [...] seria a segunda língua **desta** criança [...] (SI3)

*PB: [...] seria a segunda língua desta criança [...].*

Verificamos que esses demonstrativos encontrados nos dados são anafóricos e não dêiticos, isto é, fazem a referência retomando o nominal já citados no texto. Isso é esperável, uma vez que o texto escrito favorece a ocorrência de demonstrativos anafóricos.

Conforme Prado (2014), o traço [Dêixis] está, em Libras, presente tanto nos determinantes mais especificados, que ocorrem antepostos ao nome (Loc tipo 2), como no determinante menos especificado, que ocorre posposto a esse (Loc tipo 1). Isso quer

dizer que, para a aquisição desse traço por surdos, não basta uma simples transferência do valor paramétrico da L1 (Libras) para a L2 (português), pois esse traço, na categoria D, se configura de maneira diferente entre Libras e português. Assim, a aquisição desse traço por nossos informantes exige a fixação de um novo valor, que determina que o artigo definido manifesta apenas a propriedade anafórica.

Como vimos, para Prado e autora (2012) e Prado (2014), os Locs (determinantes em Libras) constroem a referenciação de forma dêitica apenas, uma vez que fazem sempre apontação direta do referente, em qualquer parte do discurso. Para esclarecer essa ideia, Prado traz uma reflexão de Ilari (2001, p. 97), segundo o qual, a “idéia de Vendler é que, no começo de toda cadeia, breve ou longa que seja, encontraremos sempre um ‘termo singular primitivo’, e por ‘termo singular primitivo’, ele entende os nomes próprios e os pronomes dêíticos como eu e tu”. Explica Prado (2014) que, para esse autor, a dêixis é a base primitiva da referenciação e essa ideia reforça, conforme a autora, sua hipótese de que “os Locs trazem a dêixis como propriedade inerente, porque talvez os Locs sejam o caso de elementos que se prendem ao tipo de referenciação básica devido a sua natureza articulatória gestovisual.” (PRADO, 2014, p.72).

Partindo desse pressuposto de Prado (2014), podemos assumir que, a propriedade anafórica presente nos demonstrativos tem o traço [Dêítico] como sua base primitiva. Dessa forma, para SI3 e SI4 apresentarem a propriedade anafórica em demonstrativos, eles precisam ter adquirido o traço [Dêixis], presente na categoria dos demonstrativos em PB e, ao lado desse, o traço [anafórico].

## **5 Fatores externos da aquisição da categoria dos determinantes em interlíngua P português-Libras**

Dentro de uma perspectiva de interlíngua, ao considerarmos a hipótese de acesso indireto à GU na aquisição do PB escrito como L2 por surdos adultos de nível superior, assumimos que aspectos da categoria DP em Libras podem fazer-se presentes nas interlínguas apresentadas pelos informantes com base na tese de que, na aquisição de uma L2 por adultos, identifica-se um sistema gramatical que se difere da L1 e não tem todos os aspectos gramaticais da L2, embora seja através dos parâmetros marcados na L1 que o adquirente terá condições de fixação de valores paramétricos gramaticais da língua em aquisição.

A análise dos dados apresentada nas subseções anteriores indica um processo de aquisição dos traços formativos da categoria determinante em Libras apresentando níveis variados de interlíngua entre os sujeitos-informantes. Traçando um quadro de aquisição, que mostra os índices de convergência de ocorrências de artigos definidos e de demonstrativos, nos dados dos nossos seis sujeitos-informantes, chegamos à seguinte visão do nível de interlíngua deles, até o momento da coleta de dados:

**Quadro 3 – Fatores Internos e Externos de Aquisição da Categoria Determinante**

Fatores internos				Fatores externos				
Sujeitos -inf.	Índice de convergência com o PB			demonstrativos presentes	Idade de início de aquisição Libras e do PB escrito	Escolaridade	Primeira língua com que teve contato	Família ouvinte /surda
	com artigos definidos	com nominais nus	total					
SI1	40%	27%	67%	Não	7	Superior Completo	Libras	ouvinte
SI2	31%	31%	62%	Não	11	Superior Completo	Libras	ouvinte
SI3	48%	38%	86%	Sim	12	Superior incompleto	PB (através de leitura labial)	ouvinte
SI4	70%	15%	85%	Sim	12	Superior incompleto	PB (através de leitura labial)	ouvinte
SI5	0%	10%	10%	Não	6	Ensino médio	Libras	ouvinte
SI6	0%	22%	22%	Não	6	Ensino médio	Libras	ouvinte

Fonte: Das autoras

Esse quadro nos mostra que o SI3 e o SI4 são os que apresentam interlíngua em estágio mais elevado no que diz respeito à categoria de determinantes, com 86% e 85% de convergência, respectivamente. Além disso, foram os únicos a realizarem também demonstrativos. O SI1 e o SI2 apresentam índices medianos de convergência de determinantes, 67% e 62%. E o SI5 e o SI6 apresentam interlíngua com aquisição zero da categoria de determinantes, uma vez que, como já evidenciamos, os índices 10% e 22% são de nominais nus, que não estamos interpretando como indicativo de aquisição dos traços dessa categoria porque os índices de ocorrência de artigos definidos e demonstrativos são zero.

Olhando para os fatores externos, verificamos que ‘escolaridade’ diferencia os quatro primeiros informantes, que apresentam índices positivos de aquisição dos

determinantes, dos dois últimos, que apresentam índices zero. Os quatro primeiros têm formação superior completa (SI1 e SI2) e incompleta (SI3 e SI4), em contrapartida aos dois últimos que têm formação em Ensino Médio. Diante dos resultados frente a esse fator, atribuímos o melhor desempenho na aquisição não apenas ao número de anos de contato com o *input* escrito, mas à qualidade desse contato, uma vez que o volume de leitura a que o indivíduo tem que se dedicar no Ensino Superior é, sabidamente, muito maior e mais amplo do que ao que os alunos estão comumente expostos até o Ensino Médio. Se a hipótese lexicalista de Chomsky está correta, é no léxico que o indivíduo vai encontrar os traços formais a serem adquiridos. Assim, a imersão efetiva também no caso da aquisição da língua escrita, conforme Kato (2005), é fator preponderante no processo de aquisição.

Verificamos que todos os informantes são oriundos de família ouvinte e tiveram seu primeiro contato com a Libras juntamente com o português escrito, no ambiente escolar, em idade tardia para a aquisição da L1. O fator ‘idade de início de aquisição da L1 e do PB escrito’ parece não ter grande importância, pois não obstante o fato de as discussões sobre o período crítico considerarem uma idade mais baixa como mais propícia para aquisição, sobretudo da L1, havendo prejuízo posterior no caso de aquisição tardia da L1, bem como de uma L2 e da escrita, observamos que, de um lado, temos SI1, SI5 e SI6 como os que começam o contato tanto com o PB escrito quanto com a Libras mais cedo, aos 7 e 6 anos, e, de outro, SI2, SI3 e SI4 como os mais tardios, aos 11, 12 anos. Os resultados apontam o inverso entre o SI5 e o SI6, os com início mais jovens, mas zero em índice de aquisição de determinantes, e SI3 e SI4, os mais tardios, entretanto melhores nesses índices. E os dois medianos, SI1 e SI2, deixam a indistinção nesse quesito ainda mais clara, pois temos um indivíduo entre os mais jovens no contato com a Libras e o PB escrito e um mais tardio com os mesmos índices de convergência nos dados em estudo.

Há, porém, um último fator externo – primeira língua com que tiveram contato – que dá destaque aos dois sujeitos-informantes, SI3 e SI4, que apresentam um estágio de interlíngua, em termos da categoria determinante, mais próximo do PB. Esses dois sujeitos-informantes relataram terem adquirido o PB como L1 e usarem a leitura labial em boa parte da infância para tentarem interagir com familiares e colegas de escola, só adquirindo a Libras com doze anos de idade. Nos dois casos, após aquisição da Libras há

o abandono da comunicação via português falado. Ou seja, não podemos dizer que esses indivíduos têm o PB como sua L1, pois, pela própria impossibilidade de se expressarem em modalidade falada dessa língua, esses indivíduos substituíram o PB pela Libras, adquirida aos doze anos, situação peculiar ao contexto de uma pessoa surda. Mas o contato, mesmo que precário, ainda no período crítico, com o PB em modalidade falada parece ter proporcionado a esses dois surdos algum ancoradouro para a aquisição da modalidade escrita do PB, corroborando a análise de Kato (2005), de acordo com quem, a aquisição da escrita de uma língua implica tomar como partida a gramática nuclear da modalidade falada dessa mesma língua e ampliar uma periferia marcada, como um bilíngue desigual. Isto parece favorecer o alto índice de convergência dos artigos nos dados apresentadas por esses dois sujeitos-informantes.

## 7 Conclusão

Conforme os resultados de nosso estudo, observamos que a categoria dos determinantes em PB se apresenta em estágios variados de interlíngua no conjunto dos dados dos sujeitos-informantes estudados e defendemos que a aquisição se dá a partir dos traços formantes dessa categoria em PB, quais sejam: definitude, gênero, número, dêixis e anáfora. Na investigação desses traços, verificamos aspectos específicos relativos à aquisição de cada um pelos surdos e como se caracteriza a aquisição dos determinantes ora pelo aspecto de aquisição de L2, ora pelo aspecto de aquisição da escrita, conforme o que propõe Kato (2005) para esses dois processos.

Olhando para os fatores externos, verificamos que ‘escolaridade’ e ‘primeira língua com que se teve contato’ são os principais fatores a diferenciar os quatro primeiros informantes, que apresentaram índices positivos de aquisição dos determinantes, dos dois últimos, que apresentaram índices zero.

Enfim, os resultados deste estudo nos levam a concluir que a aquisição da categoria determinante se dá traço a traço. E a explicação para alguns aspectos ligados ao quadro de aquisição da categoria D (especificamente artigos definidos), verificados em nosso *corpus*, pode encontrar respaldo no fato de haver uma distância considerável entre os traços formantes da categoria dos determinantes em PB, como L2, e em Libras, como L1; ou seja, os surdos provavelmente demoram algum tempo para adquirir os traços da



categoria de determinantes em PB, por essa se configurar de maneira bastante diferente da fixada por eles em Libras.

## REFERÊNCIAS

ABNEY, Steven. *The English noun phrase in sentential aspects*. Ph.D. dissertation. Massachusetts: MIT, 1987.

AGUIAR, Ana Gabriela Gomes. *Marcação de definitude em sintagmas nominais de línguas da família TUPI-GUARANI*. Dissertação de mestrado. Brasília: 2013.

AUGUSTO; Marina Rosa Ana; CORRÊA, Letícia Sicuro. Marcação de gênero opcionalidade e genericidade: Processamento de concordância de gênero no D P aos dois anos de idade. *Linguística*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.207-234, dezembro de 2005. Acesso em 02 de janeiro de 2017.

BÉJAR, Susana. *Phi-syntax: a theory of agreement*. PhD. Dissertation. University of Toronto, 2003.

BRITO, Ana Maria. Categorias sintáticas. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Rub; FROTA, Sónia; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VOGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*, 29 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, Daniel da Silva. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Linguística, Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Maceió, 2008.

CHOMSKY, Noam Avram. *Aspects of the theory of syntax*. M.I.T. Press, 1969, 251 p.

CHOMSKY, Noam Avram. *Novos horizontes no estudo da linguagem*. In D.E.L.T.A., vol. 13, nº Especial. Pp. 49-102, 1997

CHOMSKY, Noam Avram. *O programa Minimalista*. Lisboa: Caminho, Tradução Eduardo P. Raposo. 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma Gramática das Línguas de Sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.

HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. *Language* 78, pp. 442-526, 2002.

ILARI, Rodolfo. Anáfora e Correferência: por que as duas noções não se identificam? *Cadernos de Estudos Linguísticos*. UNICAMP. v. 41, p. 91-109. Campinas, 2001.

KATO, Mary Aizawa. *A Gramática do Letrado: questões para a teoria gramatical*. In: Maria Aldina Marques, Erwin Koller, José Teixeira & Aínda Sampaio Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (Universidade do Minho), v.5, 2005: 131-145.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *Revel*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL (Libras articulatory components and SEL writing). *Estudos da Língua(gem)*, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 103-122, jun. 2019. ISSN 1982-0534. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5338>. Acesso em: 30 out 2021. doi:<https://doi.org/10.22481/el.v17i2.5338>.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. *Por uma modalidade escrita da Libras: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel*. Coleção Linguística em Rede, livro 8, Campinas: Pontes, 2023 (no prelo).

LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira; CHAN-VIANNA, Adriana Cristina. Estudo da interlíngua de surdos usuários de Língua de Sinais Brasileira na aquisição de português (L2): nominais nus e definidos genéricos. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 241-264, 2010.

LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira; PIRES, Lilian. Desenvolvimento linguístico na aquisição de português L2 (escrito) por surdos: a estrutura do sintagma nominal. *Revista da ABRALIN*, v. 1, p. 189-208, 2011.

PRADO, Lizandra Caires. *Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição*. 2014. 164fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

PRADO, L. C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. . *Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 10, p. 38-57, 2012.

SELINKER, Larry. Interlanguage. *IRAL*, v.10, n. 3, p. 209-231, 1972.

VILLAVA, Alina. Estrutura Morfológica básica. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Rub; FROTA, Sónia; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VOGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

Autora correspondente:

Lucília Santos da França Lopes

Universidade Estadual de Santa Cruz - Campus Soane Nazaré de Andrade

Rod. Jorge Amado, Km 16 - Salobrinho, Ilhéus/BA, Brasil. CEP 45662-900

E-mail: [lsflop@uesc.br](mailto:lsflop@uesc.br)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

